

Sob o Chicote Dos Feitores

Pôrto Alegre, 7.

Se o Brasil sempre houvesse sido uma república presidencialista, ter-se-ia talvez o direito de afirmar que não temos nem raça, nem classe para praticar o sistema parlamentar, e que somente o presidencialismo é compatível com o mulatismo espiritual, moral e intelectual do nosso povo». Temos, porém, a experiência do Segundo Reinado, que, por quarenta anos, nos deu o único país democrático e tranquilo da América Latina. Virtude da monarquia, ou virtude do parlamentarismo? Ninguém pode negar a benéfica influência pessoal exercida por D. Pedro II, mas ainda menos se poderá desconhecer o papel do sistema parlamentar, naquela brilhante quadra, em que a Nação Brasileira chegou à maturidade. Basta ler uma das obras fundamentais da história política do País, «Política Geral do Brasil», de José Maria dos Santos, para bem apreciar a vocação democrática da nossa gente. O sistema parlamentar não foi imposto à Nação, como aconteceu com o presidencial, mas, ao contrário, foi por ela conquistado, em decênios de lutas pela liberdade.

Assim, se há um «mulatismo espiritual, moral e intelectual» como pretende o brilhante economista sr. Newton Macedo e é coisa para a perquirição dos sociólogos, o fato incontestável historicamente comprovado, é que tal mulatismo foi superado durante o segundo Reinado, no qual a vida pública alcançou uma alta dignidade, para só tornar a manifestar-se com um sistema pessoal e irresponsável de governo, como é o presidencial. Assim, diagnosticando o mal (concedendo-se esteja certo o diagnóstico) indicado estará também o remédio.

Mas tal não querem admitir os presidencialistas. Não é que o seu sistema valha alguma coisa: nós, os brasileiros, é que não somos capazes de coisa melhor. A miscegenação condenou-nos a viver sob o chicote dos senhores e dos seus feitores...

A tão desmoralizadora conclusão leva a defesa do presidencialismo no Brasil.